



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

# OUTRO!



Ao cair :  
 — Por mais valente que um homem seja, vá lá livrar-se d'uma rasteira!



## PALESTRA AMENA

## Procissões

Já aqui dissemos o que pensamos sobre procissões — não nos lembra se foi aqui, se foi n'outra parte, mas provavelmente foi aqui — resumindo-se a nossa opinião no seguinte: deixem lá cada um manifestar-se como quizer, politica ou religiosamente, contanto que não incomode o proximo. Está claro que d'este modo defendiamos a procissão de Cacilhas, a bem conhecida povoação da outra banda do Tejo, mais notavel pelas burricadas do que pelas procissões, mas com tanto direito a trazer os seus andores pela rua como outra povoação qualquer.

Defendemos, pois, a Cacilhas catolica e procissional, mas o que nunca supezemos é que alguns dos interessados por que a procissão se realisasse levassem o interesse até o ponto de chamarem á sua posse as varias quantias provenientes das esmolas para a festança; sim, o que não podemos aprovar é o acto dos srs. sacristães Artur Egitto dos Santos, Carlos Trindade e João Costa se abotoarem com o que de direito pertenciam aos santinhos, já para se alumiar, já para se incensarem, já para outros usos. E, em nossa consciencia, não sabemos explicar satisfatoriamente as razões de semelhante procedimento: é claro que aqueles tres cavalheiros são pessoas tementes a Deus, lidando com os seus eleitos a cada hora, ouvindo missa e ajudando a ela frequentes vezes, confessando-se nos dias preceituados pela Igreja e jejuando, — sim, jejuando, o que exclui toda a ideia de se terem apoderado do dinheiro por necessidade de alimentação. Logo...

Logo, nunca mais tornaremos a defender procissões. Pois se aqueles que recebem os favores dos santos, isto é, aqueles por quem os santos interveem junto do Senhor, assim os tratam, espoliando-os, nós que não esperamos nada d'elles, que mal os conhecemos de vista, é que havemos de pugnar pelo brilho do culto? Fica-nos de emenda. Nunca mais nos meteremos onde não fomos chamados, e, chamados que sejamos, pensaremos duas vezes antes de proceder.

Parece-nos que estamos a ouvir os santos:

— Ora aquele pateta do «J. Neutral», quem diabo lhe mandaria contribuir para este roubo, que não se daria se não tivesse havido procissão? Agora, aqui vamos nós ter um trabalho para conseguir que Nosso Senhor perdôe aos sacristães, porque é essa a nossa missão, quando o nosso desejo seria dar uma sova nos meliantes que nos apanharam as massinhas!

Teem carradas de razão os santos; e as senhoras autoridades, se alguma vez tornarmos a intervir em defesas semelhantes, porque somos uns cabeças de vento e dizemos hoje uma coisa pa-

ra amanhã fazermos o contrario, façam ouvidos de mercador. E o facto que sirva tambem de aviso a quem dá esmolas para tais espectaculos: evidentemente se as derem aos pobres correm menos riscos de serem mal empregadas.

J. Neutral.

## Ainda os pianos

A D. Elisa Macia andava danada por namorar, mas apesar de ser toda tirada das canelas, ninguem lhe rendia finezas, ou antes, mal encetavam namoro com ela, os namorados deixavam-a por outra qualquer. Ora ante-hontem, viu que na rua a seguia um rapaz desempenado e pelos olhares, pelos gestos, por um ar de sinceridade que da sua pessoa emanava, pareceu a D. Elisa Macia que não seria como os outros: quem sabe se ali estaria um marido?

Correspondeu, pois, a olhares com olhares, a gestos com gestos e quando o mancebo chegou á fala, D. Eli-



sa Macia recebeu-o sorridente e amavel, disposta a tentar mais uma vez os preambulos matrimoniais — Como se chama v. ex.ª? perguntou o desconhecido, a dois passos de D. Elisa.

Esta declinou o nome e o ducissimo apelido e por seu turno perguntou:

— E como se chama o cavalheiro? — Alberto.

E começa a conversa, n'um tom de intimidade que bem demonstrava uma simpatia mutua e rapida.

— Eu gostava muito de ter como noiva uma menina bem educada... porque tambem o sou. Eu sou poeta...

A Elisa, modesta:

— Graças a Deus os meus papás não olharam a despezas para me darem uma educação decente.

O Alberto:

— Aposto que v. ex.ª toca piano? — Toco.

Mais algumas frases amorosas e, ao separarem-se:

— V. Ex.ª mora, sr.ª D. Elisa?

— Na rua da Procissão, n.º 1235, 4.º andar.

— E seu papá já fez na repartição de Finanças do bairro a declaração de que tinha um piano, para o efeito

da respectiva contribuição,

— Não fez, nem tenciona fazer. Mudámos o piano para as casas interiores, para não se ouvir na rua quando eu toco e assim escapar á contribuição.

— Até amanhã, ás 4 horas, D. Elisa.

— Até amanhã, Alberto.

\* \* \*

N'esse mesmo dia, na repartição de Finanças do 3.º bairro, o Alberto para o chefe:

— Mais tres pianos hoje, sr. chefe. Tenho aqui os apontamentos: rua da Procissão, n.º 1235, 4.º andar rua da...

— Você, apesar de poeta é um empregado modelo, seu Alfredo. Conte com uma gratificação no fim do ano. E como soube d'esses pianos?

— O costume. Segui as pequenas, catrapisquei, falhei-lhes, declarei-me e saquei-lhes a confissão de que tinham piano. Já com estas são 327 este mês.

— O peor é serem tudo pianos verticais, que pagam só 5 escudos; se fossem horisontais, pagavam 10.

O Alfredo, sorrindo:

— A horisontais não faço versos...

## Dôres de dentes

Conforme noticias dos jornais, os presos politicos da Torre de S. Julião da Barra foram atacados ultimamente de fortissimas dôres de dentes, e como ali não haja dentista habilitado, obtiveram licença para se tratarem em Paço d'Arcos...

Trata-se, parece, d'uma epidemia desconhecida. Os sintomas são alarmantes: os atacados começam por uma verdadeira mania epistolar, escrevendo a individuos que se encontrem em paiz estrangeiro, de preferencia em Espanha e de preferencia a Paiva Couceiro. Em seguida sentem guinadas nos alveolos dentárias e começam aos berros, em geral a dar vivas seja a quem fór—de preferencia a D. Manuel de



Bragança. N'essa altura da enfermidade não ha remedio senão arejar os doentes e leva-los para fóra da prisão,—de preferencia a Paço d'Arcos, ou mais longe ainda. Aí são tratados por pessoas que vão ao seu encontro e fazem côro com eles, mas a cura nunca é radical, antes este periodo representa apenas a primeira fase da doenca.

A vêr vamos a segunda, d'aqui a pouco tempo.



## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

*Cridã i cempre xurada Ispousia.*

Nan cei ce çabes que çou uma besta nan desfazendo, porque nan gostei nada d'uma pessa ca gora se arreprenta nu triato Nassional cuja esta é da iscandinavia ó lá que dianho é i us jurnais dizem ca jente que çó gosta dus ferancezes i oitros latinus çemos umas cavallidades. Xamace a pessa «Liunarda» d'um ótor munto arrevezado lá da noroéga i como a noroéga fica lá pra riba pró pé de Castro Labureiro us ótores dus «Lobos» tarduziram-a istáse mémo a ver que du original.

Ora intão entram as çegnintes persunagos, cus çegnintes numes que bais ber ce ção de numes de jente cristóia! a Liunarda çupra misunnada, a Agnida, a Cornelia, u Ogusto i u Graxo cujo este é vispo i nan tem mémo graxa nenhuma nas botas. Lá porque le xamam Graxo é que é nan cei mas cepunho que ceja alcinha porque u nume du ome na pessa é Gracho i a sr. Palmira Torres pra le fazer pírassa xamala aquilo ó intão çará porque como ella tem 100 anns istá munto debel de mimoira i troca tudo. U inredo é acim: a Liunarda cando u pano ce alevanta istá in casa munto zangada cum u feitor; n'este cunenos entra um criado i diz:—Istá ali u cavallo da sinhora. E vai de af entra um gíneral reformado ca jente cepõe que vanha a cer u ditto cavallo mas nan cínhora: é u marido, que é burraxo i istá çeparado da Liunarda mas quer ir oitra vez pra çumpanha d'ela. Isso é que tó caroxo: a Liunarda de quem gosta é do Ogusto i u Ogusto de quem gosta é da Agnida, que é uma



çaxopa ca Liunarda criou de piquinina. Mas a Liunarda faz u çacrefisio de dechar u Ogusto pra este casar cum a Agnida i vai pró jíneral que é como quem diz que vai pró manjor. Agora na pessa á mais coisas: u tal vispo Graxo que nan gosta nada da Liunarda e que arresebe u jíneral; a vóvó Palmira, que é tal calmente um fintoçe du ventrílico Castillo, eça gosta da Liunarda; a ditto Agnida, que tamem gosta da Liunarda, i que como çó arreprenta em triato á 3 mezes julga que nan é parsizo mais pra cer injenna, i u Ogusto Mello caquillo é que pella pruméra vez çabe u papel na ponta da lingua, porque u que tem a dezer é repetir as ultemas palavras de Lanra Kirche. Infim é cá u que me pareço é

## EM FOCO



## Alvaro de Castro

*Mais outro ministerio em quinze dias  
E o abaixo assinado o que deseja  
De todo o coração é que ele o seja  
Por muito tempo, isento de arrelias.*

*Mas ha quem nuvens prenhes e sombrias  
Já no céu da politica anteveja;  
Que o temporal vem perto e já negreja  
Acusam desde já as profecias.*

*Pois que nenhum ministro se demora  
E que por mais que saiba, queira ou faça  
O parlamento logo o manda embora,*

*Melhor seria (vai em ar de graça)  
Que o Presidente os contratasse á hora  
Assim como se faz aos trens de praça!*

BELMIRO.

que era bom irem tondos fazer uma turné lá pela noroéga i voltarem lá pra d'aqui a 5 a 6 anos, ó intão decharem-ce pur lá ficar ce gostarem d'eles que cá pur mim nan me fazem falta nenhuma cum esta pessa já ce çabe como nu prinsipo d'estas duas regras te dixei porque çou um vurro, com perdão de quem nus oive. I pur aqui me fico inté á pruméra i arresebe um brasso çodoso i interno du tê isponso ósente i ubriçado

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama  
de Peras Rulvas.

## O sr. Vicente Temudo

Não temos a honra de conhecer pessoalmente o sr. Vicente Temudo, de Constancia, mas aqui o proclamamos a figura mais extraordinaria que tem aparecido nos ultimos tempos, em que pese a certos cavalheiros que andam por aí a apregoar constantemente os seus meritos e mais prates.

Imagine-se que o sr. Vicente Temudo tem vendido á gente da sua terra — feliz gente! — o azeite da colheita passada a 70 centavos o litro e o pão de milho a 22 centavos o quilograma! Ha, pois, um homem de consciencia n'este pobre Portugal! E como certamente o sr. Vicente Temudo não é tolo, ha um homem que se contenta em ganhar o que é justo que se ganhe, que não quer enriquecer desalmadamente, que é patriota, emfim!

Agora espere-lhe o sr. Vicente Temudo pela pancada: estão aqui estão a chamar-lhe nomes feios.

## Bois

Esta coisa da matança do gado vai melhorando, felizmente, segundo a imprensa seria acentua. D'uma estatistica que temos á vista consta, por exemplo, que em determinada semana se abateram mais 161 bois do que na immediatamente anterior — ou seja uma distribuiçã de mais 322 chifres pelos habitantes de Lisboa.

Não é muito, mas sempre tiveram que roer n'essa semana.

## Torre de chifre

## Amalia

Amalia minha e adorada  
Quem mais do que eu te quer?  
E's a aurora da madrugada,  
E's o orvalho do malmequer  
Ou da rosa desmaiada!

Amalia, que nome tão doce  
Lembra um favo de mel  
Tão suave como se fosse  
O trinado gentil e fiel  
Do rouxinol e acabou-se!

Amalia, porque és muda  
Aos meus suspiros enormes  
A minha vós tão ruda,  
Aos meus queixumes desconformes  
Muito embora eu me iluda?

Amalia, oh! não sejas assim!  
Corresponde a quem te ama,  
Minha patala de jardim,  
Que não haverá outra chama  
Como a que arde em mim!

Pedro R. Ribeiro

# Trigo... Carvão...



— Cada vez mais longe e eu que me aguento!